

periência real do Espírito Santo entre nós, e procurai estar presentes com confiança e alegria e, dessa forma, animar o novo Bispo expressando-lhe o necessário amparo para o início da sua ação episcopal.

Que o Senhor vos guarde e abençoe.

Vosso no amor de Cristo,

+ Fernando

**IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(COMUNHÃO ANGLICANA)**



CARTA DA QUARESMA

Ó meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!

Jesus propôs mais outra parábola para alguns que se julgavam pessoas muito justas e desprezavam os outros:

«Dois homens foram ao templo para orar. Um deles era fariseu e o outro cobrador de impostos.

O fariseu, altivo, orava assim: “Ó Deus, agradeço-te porque não sou como os outros, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem como este cobrador de impostos que ali está. Jejuo duas vezes na semana e dou a décima parte de tudo o que ganho.”

Mas o cobrador de impostos ficou à distância e nem sequer se atrevia a levantar os olhos para o céu; apenas batia com a mão no peito e dizia: “Ó meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!”»

E Jesus concluiu: «Afirmo-vos que o cobrador de impostos foi para sua casa justificado aos olhos de Deus, ao contrário do fariseu. Pois todo aquele que se engrandece será humilhado e todo o que se humilha será engrandecido.» (S.Lucas 18, 9-14)

é o caminho para poder ver-nos tal como somos. É uma porta aberta para reconhecer os nossos erros e começar de novo.

8. Sendo esta a minha última Carta Pastoral como Bispo Diocesano, aproveito esta oportunidade para agradecer-vos do coração o amor e as atitudes fraternas com que me cumulaídes ao longo dos anos na minha jurisdição diocesana. Tal permitiu que sempre me sentisse amparado no meu ministério. E se em tão longa peregrinação de serviço a minha humana fraqueza alguém agrediu ou beliscou peço humildemente perdão. Confio a Igreja Lusitana ao Supremo Pastor, nosso Senhor Jesus Cristo, e espero continuar a servi-la, na medida da saúde e capacidade que o Senhor me conceder, sempre de acordo com as orientações do novo Bispo Diocesano, José Jorge Pina Cabral, para quem imploro a assistência e o fortalecimento divinos.

9. A Sagração Episcopal do novo Bispo vai ter lugar, querendo Deus, no dia da Festa de S. Marcos, próximo dia 25 de Abril, pelas 15h, na nossa Catedral, em Lisboa. Espera-se que venha a ser mais uma verdadeira afirmação do nosso testemunho cristão na ambiência do Evangelho, à luz da apostolicidade e catolicidade que caracteriza a nossa Igreja.

Por isso vos peço, orai para que a cerimónia decorra com a dignidade própria do culto que é devido a Deus e seja uma ex-

ambiência do Pai (“*quem me vê a mim, vê o Pai*” – S. João 14,9), Jesus encarnado está também na ambiência do caos e do sofrimento do mundo – o mundo em que entrou para o transformar. Ou seja, Cristo está simultaneamente na ambiência do Pai e na ambiência do pecador. Ora, como batizados, também estamos na ambiência de Deus, o Pai, e na proximidade do mundo ao qual Jesus desceu, na proximidade do caos, da ausência de forma da criação caída.

6. Devemos rejeitar que a religião “passou de moda”, ou, é um mero problema social. A religião é um manancial de energia e uma fonte de vida, que providencia ao mundo a visão de como as pessoas devem ser consideradas e tratadas (Rowan Williams). Mas, para tal, nós, os que a vivemos com a luz de Cristo no coração, devemos deixar-nos interpelar pelo convite amoroso e libertador de Deus.

7. Ouçamos os Profetas. Oseias invoca o caminho pelo deserto, depois da saída do Egito, como um tempo de intimidade amorosa. “... *eu a atrairei e a levarei para o deserto e lhe falarei ao coração*” (Oseias 2,14). No entender de Isaías o “falar ao coração” quer dizer persuadir, convencer, usando a linguagem do amor e a amizade (Isaías 40,2). Por sua vez, o profeta Miqueias lembra-nos que as ofertas que Deus prefere são a misericórdia, a justiça e a humildade (Miq. 6,6-8). A humildade

Prezados irmãos,

Paz no nome do nosso Senhor Jesus Cristo.

1. Estamos na Quaresma e a expressão do pobre publicano da parábola de Jesus acode ao nosso coração com eco: “*Ó meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!*”.

Li há tempos que “a história da salvação não é outra coisa, em definitivo, do que a história dos incansáveis intentos de Deus criador para arrancar o homem da rede do pecado.” Isto é, o nosso Deus procura-nos, como procurou Adão e Eva no jardim do Eden (Gén 3,9), pronto a fazer-nos perceber que não podemos viver sem Ele. É isso que Jesus está a querer dizer-nos através da exclamação do publicano.

2. Então, a Quaresma é o tempo de Deus. Aquela ambiência em que, no silêncio, na introspeção, na humildade e até no sacrifício, podemos compreender a nossa condição de pecadores e pecadoras e descobrir a sensação do arrependimento e do desejo de mudança de conduta que nos leva à centralidade de Deus na nossa vida. Jesus deu-nos o exemplo com a ida para o deserto, guiado pelo Espírito Santo, após o anúncio da sua condição de Filho de Deus, ao sair das águas do Jordão,

depois de batizado por João (S. Luc 4,1-13).

3. Isso exige de nós esforço e disciplina.

Em primeiro lugar, precisamos de saber olhar para o espelho e, para além da nossa aparência mais ou menos retocada, perscrutarmos o nosso interior, a fim de nos vermos tal qual somos e descobrirmos o que nos separa de Deus e dos nossos irmãos.

O nosso caminhar na vida é feito de desertos vários, desertos que têm a ver com circunstâncias que nos tiram muitas vezes a nossa identidade, que nos deixam fragilizados e sedentos à míngua de significado, que até nos pode fazer perder o sentido do caminho. É preciso, portanto, que tenhamos consciência de quem somos, daqueles com quem convivemos e da realidade que nos cerca.

4. Em segundo lugar, importa que “olhemos” para Deus não como a mera possibilidade de realização do nosso desejo, mas, como a intervenção na nossa história pessoal de uma liberdade que nos interpela e nos provoca para uma contínua mudança e superação do nosso projeto humano.

Deus está para além do que d’Ele pensemos e do que d’Ele possamos dizer, Deus é alguém que nos acompanha, que nos abraça, mas que sempre fica para além de nós mesmos. Existe para além da nossa vontade, dos nossos sentimentos, das

nossas maneiras de ver. “*Deus é maior do que a nossa consciência e conhece tudo*” (I João 3,20) e olha para nós com compaixão, pedindo a nossa humildade para que usufruamos da Sua ação transformadora da nossa visão sobre o mundo. Porque só aí podemos sentir a verdadeira liberdade e a real esperança. E essa é a face redentora da realidade, sentida no bem e no belo, em que o cristianismo acredita. Quem pretende construir partindo de si mesmo e independente de Deus fá-lo-á normalmente à custa dos outros, especialmente dos mais pequenos e dos mais débeis. O adultério de David é disso exemplo (II Samuel 12).

5. “A fé não é uma questão de opinião pública nem tem a ver com o que sentimos acerca de nós mesmos. É a resposta que as pessoas dão ao que se lhes apresenta como uma realidade – uma realidade que as desafia. (...) A fé começa no momento de parar: isto é, no momento em que já não se pode continuar como antes. Mas, ainda mais desafiador é o que envolve mudança e até perda. Se isto for o que realmente parece ser, ideias, hábitos, esperanças, tudo muda e a esta mudança pode até ser dolorosa.” (Rowan Williams, sermão de Natal de 2012). Ora, com a ida para o deserto, Jesus vem dizer-nos que naquela ambiência árida e desoladora pode estar também a oportunidade, a abertura para o novo e diferente, a luz numa existência de penumbra ou apagamento. E isto porque, estando na